MULHER NA CIÊNCIA: ELEMENTO DE DESCONSTRUÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO

ANA ELISA SPAOLONZI QUEIROZ ASSIS

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação e do Curso de Graduação da Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM. Doutora em Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestra em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Políticas Públicas e Direitos Fundamentais - LabDirF.

JÉSSICA YUME NAGASAKI

Mestranda da Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM.

ÉRICK FREITAS MENDES

Mestrando da Faculdade de Direito do Sul de Minas – FDSM.

> "Legal que você conseguiu se estabelecer nessa profissão mesmo sendo mulher"; "Deve estar saindo com o chefe"; "Deve estar de TPM"; "Ela foi muito macho"; "Tinha que ser mulher" "Seu marido não liga de você trabalhar fora?"; "Vai dar conta de conciliar seus filhos, casa e vida profissional?";"A gravidez vai atrapalhar seu crescimento na empresa."

De acordo com o Instituto de Estudos de Gênero PAGU, da Universidade Estadual de Campinas, estas são as frases mais comuns que as mulheres ouvem nos ambientes de trabalho. Não fosse apenas vencer essas barreiras discursivas e comportamentais, existem também as barreiras socioeconômicas. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) também traz alguns dados de 2018:

- A taxa de desemprego, no Mundo, para os homens, é de 5,5%; para as mulheres, 6%;
- Atualmente, enquanto 75% dos homens com mais de 15 anos estão na força de trabalho, entre as mulheres essa proporção é de 48,5%;
- Em contrapartida, no trabalho domiciliar não remunerado somos 16,6% contra apenas 6,4% dos homens.

No Brasil, neste ano de 2019, o IBGE fez uma compilação especial de dados no dia da mulher:

- Das 40,2 milhões de trabalhadoras, 24,3% haviam completado o ensino superior, enquanto entre os homens ocupados a proporção era de 14,6%. Apesar disso, em média, as mulheres que trabalham recebem rendimentos 24,4% menores que os dos homens;
- A diferença percentual entre homens e mulheres com mestrado e doutorado é de 20%, em favor das mulheres.

Em consonância a isso, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) realizou um estudo no ano de 2016, demonstrando que o número de mulheres matriculadas e tituladas em cursos de mestrado (profissional e acadêmico) e doutorado soma-se a 165.564, enquanto em relação aos homens esse número é de 138.462, apresentando uma diferença de 19%. Esse dado já demonstra que somos maioria no Brasil quando se trata de instrução superior completa e pós-graduação, ou seja, o espaço científico, já é nosso, e é a partir dele que podemos conquistar outros lugares

Buscando materializar essa realidade, a mestranda Jéssica Nagasaki e o mestrando Érick Mendes, em parceria com o Laboratório de Políticas Públicas e Direitos Fundamentais (LabDirF) sob coordenação da Profa. Dra. Ana Elisa Spaolonzi Queiroz Assis, organizou a mesa redonda “Mulher na ciência: elemento de desconstrução da desigualdade de gênero”, convidando 4 mulheres envolvidas ou que se envolveram com a ciência.

Além da ciência e do gênero, elas compartilham muitas outras coisas, não só entre elas, mas com todas. No evento conhecemos um pouco das suas histórias, que relacionavam suas vidas pessoais com a ciência, administrando tempos, espaços e papeis diversos.

Embora esteja claro que a criação de um evento ultrapassa qualquer tentativa de mensuração absoluta dos seus efeitos, o intento da discussão foi o de criar um ambiente de reflexão capaz de, talvez, permitir que os presentes pudessem entender que a ciência é um caminho capaz de proporcionar emancipação daquelas que são subjugadas pelo seu gênero.

As dificuldades levantadas, o medo, a culpa, as desigualdades e a ferrenha tentativa de desqualificação do outro enquanto mulher foram identificadas ao longo da apresentação e não pretendiam demonstrar a fraqueza ou impossibilidade. O intuito era demonstrar que as dificuldades são reais e, embora cruéis, ignorá-las não tornaria o caminho mais fácil. Mesmo com todas as dificuldades, a emancipação pessoal da mulher para com ela mesma é possível.

A fragilidade, a superficialidade e a desigualdade de oportunidades representam um traço nefasto de uma sociedade que estruturou o preconceito e o institucionalizou. Elas revelam traços da exteriorização de um estranhamento do outro, de uma dificuldade de reconhecimento das diferenças. Com a intenção de demonstrar as possibilidades para além das dificuldades, a mesa redonda foi estruturada e desenvolvida. Os resultados obtidos não podem ser medidos, porque dizem respeito a um campo não passível de observação: o outro enquanto possibilidade.

FDSM
MESA REDONDA
Mulher na Ciência: elemento de desconstrução da desigualdade de gênero
EXPOSITORAS
Estela Cristina Vieira de Siqueira, Heroana Letícia Pereira, Nivea Andreza de Oliveira Costa e Thatiana Mara Dorigati.
MEDIADORA
Jéssica Yume Nagasaki.
RESPONSÁVEL
Grupo de Pesquisa Laboratório de Políticas Públicas e Direitos Fundamentais (LabDirF) - Prof. Dra. Ana Elisa Spaolonzi Queiroz Assis.
CORRESPONSÁVEIS
Érick Freitas Mendes e Jéssica Yume Nagasaki
INFORMAÇÕES
Data: 13/04/2019 - Local: Salão do Tribunal do Júri
Horário: 09h30
Informações: Núcleo de Extensão – 35 3449-8125 – extensao@fdsm.edu.br
INSCRIÇÕES - WWW.FDSM.EDU.BR
Duração: 02h aproximadamente. Carga Horária: 05 horas.
Controle de Presença: Leitura da carteirinha no final do evento para cômputo das horas de Atividades Complementares.
Público alvo: Alunos da graduação, extensão, pós-graduação, mestrado, egressos e comunidade externa.
facebook/fdsm.oficial
instagram/fdsm_oficial
youtube/fdsmoficial
twitter/fdsm_oficial